

"ALÉM DA DINÂMICA DO MERCADO DE TRABALHO, A CAPACIDADE DE MOBILIZAÇÃO E LUTA DA CLASSE TRABALHADORA DEVERÁ SER DETERMINANTE NÃO APENAS PARA MANTER OS REAJUSTES SALARIAIS REAIS, MAS TAMBÉM OS DIREITOS QUE ESTÃO AMEAÇADOS"

MAIRON EDEGAR BRANDES - ECONOMISTA
BALANÇO DAS NEGOCIAÇÕES SALARIAIS

"EXISTEM AUTORES PROIBIDOS ENTRE NÓS. É NECESSÁRIA UMA REVISÃO PROFUNDA DOS PLANOS DE ENSINO EM NOSSAS UNIVERSIDADES PARA VARRER O LIXO COLONIAL PARA SEMPRE."

NILDO OURIQUES, PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

"EXISTEM AUTORES PROIBIDOS ENTRE NÓS"
PÁGINA 8

"UM ACADÊMICO DE ESQUERDA CONSTITUI UMA PESSOA QUE LUTA PARA PROTEGER OS FRACOS DOS FORTES NA UNIVERSIDADE."

MARCOS ANTÔNIO MATTEDI, PROFESSOR DR EM CIÊNCIAS SOCIAIS
COMO COMEMORAR O DIA DO TRABALHADOR NUMA UNIVERSIDADE?
PÁGINA 16

FONTE: CALTOCAREER



OS IMPACTOS DA TERCEIRIZAÇÃO

OS EFEITOS DO PL 4330 NO MUNDO DO TRABALHO GERAM PREOCUPAÇÕES E INCERTEZAS. O ASSUNTO FOI TEMA DE DEBATE PROMOVIDO PELO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E FILOSOFIA DA FURB. TEMOR É POR PRECARIZAÇÃO E EXPLORAÇÃO. SAIBA MAIS SOBRE O TEMA **PÁGINAS 8 E 9**

OS 30 ANOS DO **MST** EM SANTA CATARINA

UM OLHAR PARA O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA NO ESTADO DESDE A HISTÓRICA OCUPAÇÃO DA FAZENDA PAPUÁ, EM ABELARDO LUZ, EM 25 DE MAIO DE 1985, A PRIMEIRA REALIZADA PELO MST DEPOIS DE SUA CRIAÇÃO FORMAL

PÁGINAS 12 E 13

FOTO: ARQUIVO



MANIFESTANTES REAGEM CONTRA **ESPECULAÇÃO** IMOBILIÁRIA EM FLORIANÓPOLIS

CONSTRUÇÃO DE UM EMPREENDIMENTO PRIVADO NA PONTA DO CORAL GERA REAÇÕES

PÁGINAS 6 E 7

FOTO: JULIANA ADRIANO

CONVERGÊNCIA SALARIAL

Meados da década de 80 do século XX. A distância entre Tóquio e Xangai é de pouco menos de 4 horas de avião, mas a diferença de renda média é de 40 vezes entre as duas cidades. O resultado da separação entre várias partes do globo na evolução dos modos de produção aumentou não apenas a distância dos padrões tecnológicos alcançados por algumas nações líderes, mas também as diferenças salariais e dos padrões de vida. As barreiras tarifárias, o protecionismo e taxas de câmbio isolavam os países no comércio mundial. Nos anos seguintes, veríamos a derrocada de todo o bloco soviético, leste europeu e a inclusão da China e dos países do leste do Pacífico a sistemas semelhantes para uma integração da produção mundial que se fragmentou cada vez mais em partes e componentes em uma divisão de trabalho internacional. Isso foi possível com a redução tarifária, melhorias no transporte, processos logísticos e tecnologias de informação que permitiram a coordenação de atividades cada vez mais complexas. A arbitragem na escolha dos locais de produção envolvem fatores que vão muito além de custos do trabalho que notadamente eram assimétricos em relação aos padrões alcançados pelos países desenvolvidos, mas também incluem diferenças tecnológicas, culturais e institucionais bem como a própria legislação regulatória vigente. A preocupação com os padrões de trabalho semi-escravo e infantil, superado por leis trabalhistas nos países mais desenvolvidos ainda existia em grande parte nos outros países. Nos

anos seguintes um processo gradual de adesão às regras da Organização Internacional do Trabalho visava uma equalização de condições de trabalho díspares e injustas existentes que impedissem uma forma de concorrência no mínimo equiparável internacionalmente. Não foram apenas milhões, mas sim bilhões de pessoas que aumentaram gradualmente seus padrões de vida médios. A questão central nos países desenvolvidos era de como lidar com a ascensão dos países emergentes, diante do crescimento da especialização do trabalho, pois a relação salarial e as competências de um determinado operário italiano estariam em breve sendo comparadas com as mesmas competências de um operário polonês ou indonésio, mas com grandes diferenças salariais. O Japão conseguiu transferir para o exterior grande parte das atividades de menor valor adicionado pela terceirização internacional, reduzindo o desemprego estrutural nessa transição. O que não aconteceu tão facilmente em Portugal, na Espanha e em outros países europeus, mesmo também nos Estados Unidos. Em um balanço dessas últimas décadas mostrou que a redução salarial e desemprego atingiram tarefas na indústria cujas funções eram menos especializadas e que mais recentemente atingem também o setor de serviços.

A preocupação com os empregos perdidos e mudanças de atividades nem sempre são uma questão fácil de resolver por decisores políticos, empresários, ou trabalhadores. Mas o fato é que houve um aumento da integração internacional e que está em curso uma profunda divisão de tarefas. É, portanto, cada vez mais tênue e incerto dizer o que é atividade meio ou atividade fim. Lá fora, a questão da terceirização internacional é uma discussão acalorada entre os países desenvolvidos pois são os que mais duramente foram atingidos pela convergência salarial da terceirização internacional. Nas atividades de pouco valor os salários médios desses países diminuíram e em boa parte dos países emergentes aumentaram. Os salários reais na China cresceram e agora várias atividades estão sendo também terceirizadas no Vietnã ou em Bangladesh. Nesse

país, com dos níveis salariais mais baixos do mundo começou a receber parte da produção mundial de têxteis. O salário mínimo que em 2010 era de apenas US\$ 21 mensais, cresceu para US\$ 38 em 2013 e agora é de US\$ 102. A migração de tarefas de baixo valor adicionado para esses países eleva gradualmente os salários reais. Isso está acontecendo em todas as nações que abriram suas fronteiras e têm beneficiado os mais pobres. Mas o sentimento do outro lado do mundo é de perda e de não saber qual será o futuro. Nós aqui ainda discutindo a PL4330 ou se ficamos à mercê de uma Súmula 331 que não cobre as situações ora existentes, conciliando textos da CF/88, CLT e de outras legislações. A terceirização de atividades meio e fins na indústria já é um fato, cabe decidir apenas os pontos de uma nova regulamentação coerente. Estamos discutindo diferentes etapas e tarefas distribuídas em empresas de vários portes, qualificações, natureza do capital, rentabilidade da cadeia de valor e relações de trabalho em uma transição tecnológica irreversível. Deixar como está só irá marginalizar a terceirização, o valor dos contratos e como consequência, os salários reais dos que nelas trabalharão. É um assunto muito mais complexo do que meramente parece, e os argumentos utilizados por todas as partes têm razões fundamentais em suas questões, mas são parciais na sua verdade e em outros pontos são apenas outras preocupações em relação à mudança estrutural que ela provocará.

“

Meados da década de 80 do século XX. A distância entre Tóquio e Xangai é de pouco menos de 4 horas de avião, mas a diferença média de renda entre as duas cidades é de 40 vezes.

UM PLANO DE SAÚDE ESPECIAL PARA VOCÊ.

O Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau - SINSEPEs, em parceria com a Extramed Administradora de Benefícios, disponibiliza um Plano de Saúde rigorosamente adequado às necessidades de seu perfil profissional, com a garantia da Sul América, uma das maiores e mais tradicionais Seguradoras do Brasil.

VÁRIAS OPÇÕES DE PLANOS¹

SEM FRANQUIA OU COPARTICIPAÇÃO

ADESÃO OPCIONAL DE CÔNJUGE E FILHOS²

SEM TAXA DE ADESÃO

1. COM DIFERENTES PADRÕES DE REEMBOLSO, PERMITINDO A LIVRE ESCOLHA DO PRESTADOR
2. FILHOS SOLTEIROS E SEM LIMITE DE IDADE

FAIXA ETÁRIA	EXATO (ENFERMARIA)	EXATO (APARTAMENTO)	BÁSICO 10 (APARTAMENTO)	CLÁSSICO	ESPECIAL 100	EXECUTIVO
0 a 18 anos	136,23	148,88	167,29	184,01	206,58	413,62
19 a 23 anos	213,25	233,05	261,86	288,05	347,84	696,45
24 a 28 anos	219,04	239,40	268,99	295,88	352,37	705,51
29 a 33 anos	222,73	243,43	273,51	300,86	366,17	733,14
34 a 38 anos	229,46	250,77	281,77	309,94	376,78	754,39
39 a 43 anos	232,61	254,21	285,63	314,19	382,23	765,29
44 a 48 anos	333,76	364,76	409,84	450,82	506,13	1.013,36
49 a 53 anos	338,91	370,39	416,17	457,79	643,22	1.287,88
54 a 58 anos	420,25	459,28	516,05	567,65	797,61	1.596,98
59 anos ou mais	817,35	893,28	1.003,68	1.104,05	1.239,49	2.481,70

Valores mensais em Reais. Tabela Válida até Agosto de 2015

Este produto possui aplicação de cobertura parcial temporária conforme resolução normativa da ANS.

SAIBA OUTRAS VANTAGENS DO PLANO DE SAÚDE DA SULAMÉRICA

- Opções de planos com diferentes padrões de reembolso, permitindo a livre escolha do prestador;
- Rede Sul América em todo o Brasil;
- Todos os planos com cobertura de obstetrícia;
- Reembolso das despesas cobertas até o limite do plano escolhido;
- Remissão de pagamento por morte do titular (3 anos - permanência de filhos até 24 anos);
- Possui análise para redução de carência de Operadoras Congêneres.

Conte com um plano completo e que atende a suas expectativas.

CONTATO | VENDAS PARA MAIS INFORMAÇÕES:

☎ 4007 2160 (Capitais e Região Metropolitana) / 0800 643 2080 (Demais Regiões)

faieconosco@extramed.com.br

Endereço Matriz Extramed:
Rua Desembargador Clotário Portugal, 243. CEP.: 80410-220 Curitiba / PR
Tel.: 4007 2160 (Capitais e Região Metropolitana) | 0800 643 2080 (Demais Regiões)
Fax: 41 3224.4346 | faieconosco@extramed.com.br
www.extramed.com.br

DUAS OPÇÕES DE PLANOS PARA VOCÊ SORRIR TRANQUILO.

O cuidado que seu sorriso precisa com um preço que cabe no seu bolso.

PLANOS

A partir de

R\$ 31,26¹

sem coparticipação

R\$ 25,90²

com coparticipação

• ADESÃO DE CÔNJUGE E FILHOS (SOLTEIROS, ATÉ 21 ANOS);

• ATENDIMENTO COM ABRANGÊNCIA NACIONAL.

Informações:
4007 2160 (Capitais e Região Metropolitana)
0800 643 2080 (Demais Regiões)
faieconosco@extramed.com.br

PARTICIPE DO EXPRESSÃO! Envie textos, opiniões, fotografias, charges... Entre em contato pelo email ou nos telefones abaixo!

DIRETORIA SINSEPEs | 2014/2017

Presidente: Ralf Marcos Ehmke (CCSA); **Vice-presidente:** Luiz Donizete Mafra (DAC); **Secretária geral:** Laurete Maria Ebel Coletti (CCS); **1ª Secretária:** Marian Natalie Meisen (Instituto FURB); **Tesoureiro:** Nazareno Schmoeller (CCSA); **1º Tesoureiro:** Valcir de Amorim (DAF); **Diretor de Cultura, Esporte e Lazer:** Carlos Alberto Silva da Silva (CCHC); **Diretora de Imprensa e Comunicação:** Ivone Fernandes Morcilo Lixa (CCJ); **Diretor de Assuntos Jurídicos:** Osnildo Marcos Rodrigues (CCS); **Diretora de Formação e Relação Sindical:** Nevoní Goretti Damo (CCS)

CONSELHO FISCAL

Efetivos: Edeimar Valério Mafra (NRTV), Leandro Junkes (Biotério Central) e Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (CCHC)
Suplentes: Márcio C. de Souza Rastelli (CCS), Selézio Rodrigues (DAC) e Wanderley Renato Ortunio (Etevi)

Projeto gráfico: Ana Lucia Dal Pizzol

Tiragem: 2.000 cópias. **Gráfica:** Grafnorte S/A (Apucarana, PR)
Revisão: Rhuana Oliveira, Fernanda Paulina Ferrazzo e Igor Prim
Jornalista responsável: Marcela Cornelli - MTB 00921/SC JP

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.



Contato

Expressão Universitária é uma publicação do SINSEPEs (Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau)

Endereço: Campus I da FURB - Rua Antônio da Veiga, 140 - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89012-900

Telefone: 47 3321-0400 | 47 3340-1477

E-mail: sinsepes@sinsepes.org.br

Página: www.sinsepes.org.br



INTERNAS

FURB APROVA PRIMEIRO CURSO DE GRADUAÇÃO TOTALMENTE À DISTÂNCIA

Em reunião do Conselho Universitário (CONSUNI) da FURB, dia 9 de abril, foi aprovado o primeiro curso de graduação totalmente à distância. Houve apenas dois votos contrários. A discussão sobre a possibilidade na FURB remonta ao final da década de 1990, com a primeira iniciativa para se oferecer ensino à distância na universidade. Com uma resistência de quase 20 anos, a proposta foi aprovada com o argumento de que a modalidade de ensino vem sendo aperfeiçoada com qualidade e o acesso à tecnologia permite maior interação na relação ensino X professor. O principal motivo para a resistência até então era o receio à qualidade e à eficiência de um curso à distância. A FURB já oferecia disciplinas à distância em cursos semi-presenciais (até 25% da carga horária do curso, em uma modalidade parcial).

RESOLUÇÃO REGULAMENTA REGIMES DE PLANTÃO E SOBREAVISO

A reitoria apresentou em reunião extraordinária dia 14 de abril a resolução que regulamenta os regimes de plantão e sobreaviso na FURB. O termo está na pauta de reivindicações do SINSEPE desde 2011. Alguns dos serviços passíveis a esta situação incluem: serviço de internet de responsabilidade da DTI e casos excepcionais.

DEFINIDA PROGRAMAÇÃO DO CINE SESC ATÉ DEZEMBRO

Desde o ano passado, a FURB e o Sesc trabalham em parceria para oferecer sessões gratuitas de grandes clássicos do cinema. O Cine Sesc tem sessões abertas a toda comunidade, todas as quartas-feiras. As exibições ocorrem em dois horários: 12h30 e às 19h, na FURB câmpus 1, nos auditórios da Biblioteca ou dos blocos J e T, depende de cada semana (informação disponível no site e na fanpage do evento). Em breve as sessões passarão a ser na sala de cinema que está sendo estruturada no 3º piso da Biblioteca Universitária. A programação dos filmes até dezembro já está definida e pode ser consultada no endereço: furb.br/cinesesc. A programação de maio é especial Orson Welles:

- 06/05 - "Cidadão Kane"
- 13/05 - "Macbeth"
- 20/05 - "FALSTAFF: o Toque da Meia Noite"
- 27/05 - "A Marca da Maldade"



MARIANA SMANI

APROVADOS OS ESPETÁCULOS DA MOSTRA NACIONAL DO FITUB

A organização do 28º Festival Internacional de Teatro Universitário de Blumenau (FITUB) divulgou os espetáculos selecionados para a edição 2015, que acontece de 9 a 16 de julho. A seleção dos 13 espetáculos das mostras universitárias Nacional e Ibero-Americana do 28º FITUB ficou a cargo da curadoria composta por Lau Santos, Pépe Sedrez e Pita Belli. Ainda serão definidos os participantes do Teatro na Escola, Palco Sobre Rodas e Mostra Blumenauense de Teatro. Confira a lista dos espetáculos selecionados.

- 1) A Alma Boa de Setsuan – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas/SP
- 2) AMOR, TE – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Rio de Janeiro/RJ
- 3) ESCUROCLARO – Faculdade CAL de Artes Cênicas, Rio de Janeiro/RJ
- 4) EXPURGO – Enterrei Édipo no jardim e agora estou pronto para algo mais pop – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo/SP
- 5) Mulheres Míticas: Clamour + E se Eva não tivesse dentes? – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/MG
- 6) O mar de Fiote – Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE
- 7) RINOCERONTES – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro/RJ
- 8) **Sem Vintén\$** (foto acima) – Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), Florianópolis/SC

CONSUNI APROVA MEDIDAS ADMINISTRATIVAS NA FURB

O Conselho Universitário da FURB (Consuni) aprovou por unanimidade, durante sessão extraordinária, uma série de medidas administrativas visando o equilíbrio financeiro da FURB. As mudanças são baseadas no forte ajuste fiscal por parte do governo federal que, entre corte de orçamento, o Ministério da Educação teve contingenciado R\$ 7 bilhões. Entre as medidas estão a redução em 25% dos valores pagos as gratificações por reponsabilidade e pelo exercício das funções de confiança gratificada eletivas e não eletivas, por 180 dias; - redução em 10% dos valores desembolsados nos contratos terceirizados; - suspensão as saídas de novos docentes para capacitação externa (stricto-sensu e pós-doutorado), por 180 dias; - suspensão da abertura de novos pedidos de concursos para o quadro (servidores técnico-administrativos e docentes).

SEQUÊNCIA DE ASSALTOS NA FURB PREOCUPA REITORIA E VIGILANTES

A sequência de assaltos nos campus da FURB (ao todo cinco nos últimos anos) motivou uma reunião do presidente do Sindicato dos Vigilantes (SINVAC), Jodecir P. de Souza, com o reitor João Natel. O encontro ocorreu dia 24 de abril, na reitoria. Preocupado com os índices de violência, o SINVAC defende a implantação de um plano de segurança para a universidade, garantindo mais segurança para os alunos e professores, além de promover melhores condições de trabalho para os vigilantes. O reitor enviou ofício a todos os bancos para a retirada de todos os caixas eletrônicos da universidade, como forma de reduzir os casos.

RUA XV

Em ti,
te acho
e me perco.

Em ti,
sempre vivo.

Em ti,
sempre
me escrevo.

Em ti,
descubro
o permanente.

O imutável.

O indecifrável.
Em teu nome.
Rua.

Onde
se misturam
os passos
com os passos,
dos que já passaram
e dos que ainda
passarão.

És multidão.

na curva
do tempo
e do espaço.

Onde
se misturam
braços, pernas, bocas
peles, cabelos,
e mãos.

Caminho
recoberto,
redescoberto.
Sempre passas
e ficas
comigo.

Sou teu itinerante
amigo.

És meu abrigo.

Um passo
para o passado.

Um passo
para o presente.

Um passo
para o futuro.

E giramos.

E giramos juntos.

E giramos
com o mundo.

Em ti,
meu coração
é chuva.

Minha alma
é sol.

Toco tua pele.

Tua boca.

E teus pés.

Me misturo
em teus olhos.

Passo a mão
nos teus cabelos.

Sinto a alma
dos teus nervos.
Infinito repartido.

Por isso,
me tens
em ti.

Só pelo prazer
de te ver.

Só pelo prazer
de ser.

Teu.

POR DOUGLAS ZUNINO





FOTOS: JERÔNIMO RUBIM

PONTA DO CORAL É “PONTA” DA LUTA POR TERRA NA ILHA DA MAGIA

POR MIRIAM SANTINI DE ABREU

Jornalista e professora do Curso de Jornalismo da FURB <misabreu@yahoo.com.br>

Uma ponta de terra na avenida mais badalada de Florianópolis simboliza a disputa por uma cidade voltada ao lucro ou à população. O lugar mencionado é a Ponta do Coral, promontório vizinho da Casa do Governador, na Avenida Beira-Mar Norte, que aparece nos cinco primeiros lugares do ranking do metro quadrado mais caro da capital catarinense. Cenário em disputa: área de lazer em uma cidade carente delas ou endereço de hotel com 18 andares e 210 apartamentos, proposto pela Hantei Engenharia, uma das maiores construtoras catarinenses.

A luta para que a área seja parque público vem dos anos 1980, mas em 2015 ganhou contornos dramáticos. Em fevereiro a prefeitura de Florianópolis autorizou a construção do hotel, que também já recebeu licença ambiental prévia (LAP) da Fundação Estadual do Meio Ambiente (Fatma). As licenças cheiram a ilegalidade.

Acontece que, em janeiro de 2014, a Câmara de Vereadores aprovou o novo Plano Diretor da Capital. Essa lei permitiu que, na Ponta do Coral, delimitada como Área Turística de Lazer (ATL), o empreendimento tenha até seis pavimentos. A proposta para transformação em Área Verde de Lazer (AVL) foi derrotada pela maioria dos vereadores. Mas não se passaram nem dois meses depois da aprovação do Plano Diretor e o prefeito Cesar Souza Júnior (PSD) assinou dois decretos que abriram brecha para permitir o hotel com 18 andares, atropelando assim o Plano Diretor, a lei maior de ordenamento da expansão urbana de um município.

Mas, graças à pressão de movimentos que lutam para impedir a construção do hotel, em abril o Ministério Público de Santa Catarina recomendou que, em função da ilegalidade dos decretos, a prefeitura suspenda os alvarás

para a obra. O Executivo irá agora reiniciar as manobras via projeto da lei na Câmara. Assim, a luta pela área pública vai prosseguir.

O projeto original da Hantei previa 22 andares e um aterro de 34 mil metros quadrados. A empresa, em sua página na internet, usava adjetivos como “uma das cidades mais dinâmicas do mundo”, cidade “do novo século”, “capital mais saudável do país”, “reserva da biosfera urbana modelo”. Mas quem mora nas áreas de risco dos morros de Florianópolis, e treme de pavor a cada tempestade que varre a Ilha, não vai citar esses adjetivos. Para os moradores dos 65 assentamentos ou comunidades de baixa renda do município, com precárias condições de água, luz, educação, saúde e transporte, esses conceitos de “marketing” são vazios.

TURISMO DE LUXO

A luta por esse “pedacinho de terra perdido no mar”, como canta o hino de Florianópolis, ficou aguda desde a segunda metade dos anos 1980. Famílias empobrecidas se organizaram e houve muitas vitórias, com a legalização de áreas onde antes as pessoas eram vistas como “invasoras”. Mas também nessa época a capital catarinense ficou sob os holofotes por ter virado uma mercadoria apetitosa e lucrativa, a “Ilha da Magia”. Mercadoria turismo. A disputa tornou-se mais forte.

A Ponta do Coral é hoje um dos símbolos deste embate. Há outros. Mas falamos dela porque a decisão sobre a forma de ocupação a ser feita ali sintetiza boa parte do que, no Brasil, transforma o cidadão em consumidor e faz dele alguém em busca de privilégios, e não um sujeito de direitos. Essa frase é de um grande geógrafo brasileiro, Milton Santos.

A gula pela mercadoria turismo afeta outras paragens, como em Recife, onde a poderosa construtora Queiroz Galvão, aliada a empresas, à prefeitura de Recife e ao governo de Pernambuco, planeja construir um empreendimento gigantesco batizado de NovoRecife, mas sob protestos do movimento social e ambiental. Coisa bem parecida com a Ponta do Coral, onde os empreendedores, o poder público e a mídia se unem em torno do discurso da geração de empregos, do “desenvolvimento sustentável” e da “inclusão social”.

A Hantei, por exemplo, é a patrocinadora do Jornal do Almoço, o mais badalado da RBS TV – retransmissora da Globo - que mostra com generosos minutos o suntuoso projeto da empresa a cada vez que fala dele. Santa Catarina ainda enfrenta essa catástrofe informativa: o grupo gaúcho é dono dos quatro maiores jornais diários do estado. Seus colunistas usam tevê, rádio e jornal para rugir a favor do hotel, classificado de “maravilhoso” e “moderno”. Quem é contrário ao empreendimento recebe os adjetivos de “xiita” e “eco-chato” e obviamente não tem espaço nos meios de comunicação do grupo.

INCÊNDIO SUSPEITO

Até 1930 a Ponta do Coral era ocupada por particulares. Naquele período a Standard Oil, depois a Esso, fizeram ali um depósito de combustíveis. Em 1960, a Esso vendeu a área para o Governo do Estado e, em 1979, houve a transferência para a Fucabem – que controlava os chamados “Abrigos de Menores”.

Depois de um incêndio - com fortes suspeitas de provocado - no local, em 1980, a Fucabem, através do governador do estado naquela época de ditadura militar, Jorge Bornhausen, vendeu o terreno para a Carbonífera Metropolitana, procedimento sem licitação e que não passou pela Assembleia Legislativa. Depois a dona foi a Carbonífera União e, mais adiante, em 1991, a Nova Prospera Mineração, agora parceira da Hantei no projeto. Há informação recente, em nota publicada na revista Exame, de que o Mubadala, fundo soberano de Abu Dhabi, dos Emirados Árabes, também está no negócio. Resumindo, nos anos 80, portanto, o terreno público, por negociações suspeitas, passou a ser privado.

O movimento popular agora está fazendo circular um abaixo-assinado “SOS Florianópolis - Ponta do Coral 100% Pública e sem edificações e pela criação do Parque Cultural das 3 Pontas”. São elas a Ponta do Coral, a do

Goulart e a do Lessa, as três na embocadura do Manguezal do Itacorubi. O objetivo é que a Câmara de Vereadores aprove o projeto para criação do Parque, através de projeto de iniciativa popular. A imprensa, porém, quando fala do assunto, praticamente só dá destaque para a ideia faraônica da Hantei.

ESPAÇO PARA AS FUTURAS GERAÇÕES

Em um dos Atos em defesa da Ponta do Coral, o arquiteto Loureci Ribeiro, envolvido nessa luta desde os anos 80, deixou claro que o local foi mantido em espera, enquanto germinava a especulação. Loureci disse que representantes das elites políticas atrasadas, empresários e políticos inescrupulosos fazem da coisa pública e dos cargos públicos instrumentos e objetos de suas rendas e de seus financiadores de campanha. “Assim a cidade deixa de ser espaço de realização plena e digna de vida para o conjunto da população e para nossas futuras gerações”, afirma o arquiteto.

Um aspecto importante a destacar é a participação do meio universitário na defesa da Ponta do Coral como área pública. O curso de Arquitetura e Urbanismo e o Departamento de Ecologia e Zoologia da UFSC, assim como o Programa de Pós-Graduação em Ecologia, por exemplo, já lançaram nota contrária à construção de um hotel e outros empreendimentos na área.

A luta que se trava em Florianópolis simboliza processos semelhantes que ocorrem em todo o litoral do país, onde à população empobrecida resta ficar com os “restos” não desejados da cidade. Em uma Audiência Pública para discutir o projeto da Hantei, um morador afirmou que nunca havia entrado em um transatlântico. Por isso, apoiava a construção do hotel porque, pelo menos, veria um transatlântico - o de turistas ricos - de perto. Lembrei-me do que diz o geógrafo Milton Santos em um de seus livros: “Cada homem vale pelo lugar onde está; o seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende de sua localização no território”.

A luta pela Ponta do Coral pública então é essa: as belas paisagens devem ser de todos, e não apenas dos passageiros de transatlânticos e dos afortunados capazes de pagar por ela. O que dá gosto mesmo é ter direito pleno ao mar e à cidade. Para entrar na luta: <https://parqueculturaldas3pontas.wordpress.com/abaixo-assinado/>

Movimento organiza atividades na Ponta do Coral para mostrar que o uso público é a vocação da área



“EXISTEM AUTORES PROIBIDOS ENTRE NÓS”

POR MAGALI MOSER

jornalista <magali.moser@gmail.com>

O professor do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Nildo Ouriques abriu este semestre a aula magna do Centro de Ciências Humanas e da Comunicação (CCHC) da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Na ocasião, ele fez uma reflexão crítica sobre a universidade, com base em modelos pré-con-

Expressão Universitária: O sr critica de forma taxativa o colonialismo na universidade brasileira. Por que no Brasil a universidade não assume a função cultural e científica que lhe compete?

Nildo Ouriques: A universidade brasileira na origem cumpriu funções coloniais, pois as faculdades de Medicina e Direito estavam organizadas para reproduzir aqui o *status quo* das classes dominantes. Eram parte da empreitada colonial. Depois, quando a elite começou a pensar na construção de universidades – como a USP, em 1934 – já nasceram como uma extensão da universidade francesa. Era, para repetir Michel Foucault quando qualificou o ensino de filosofia lá ministrado, um “departamento francês de ultramar”. Depois a reforma inspirada no acordo MEC-USAID, de 1968. O único ponto fora da linha é a Universidade de Brasília, concebida e realizada por Darcy Ribeiro, mas a ditadura encerrou tragicamente a experiência. A questão pendente é: por que, em plena democracia, as autoridades competentes e os professores, gozando da “liberdade de cátedra”, jamais passaram a limpo esta universidade?

Expressão: Sua crítica também é em relação aos nossos autores esquecidos ou ignorados. Quais especificamente? Como garantir a eles o espaço que merecem?

Nildo: Existem autores proibidos entre nós. Um autor da estatura intelectual de Ruy Mauro Marini não é estudado em Sociologia, por exemplo. Álvaro Vieira Pinto é completamente ignorado na Filosofia. Manoel Bomfim está esquecido na Cultura e na História. Inclusive Darcy Ribeiro é autor atualmente pouco lido na Antropologia. Qualquer curso de Cinema ignora a crítica de Walter da Silveira. E Antônio da Silva Melo, criador da revista brasileira de medicina é completamente desconhecido nas faculdades de Medicina. A lista é interminável. São autores brasileiros, alguns sequer possuem suas obras traduzidas ao português! É a censura democrática. Enquanto isso, qualquer livro do Pierre Bourdieu ou do Michel Foucault, mesmo alguns sem importância, recebem traduções e festejos injustificáveis. Outros como Hart e Negri, francamente fracos, recebem crônicas intermináveis e são vendidos como se de fato fossem grandes contribuições. É necessária uma revisão profunda dos planos de ensino em nossas universidades para varrer o lixo colonial para sempre. Mas esta revisão somente poderá alcançar este objetivo se os alunos participarem juntos com os professores, pois estes, não querem mudar sua própria formação. Somente a pressão dos estudantes pode alterar o quadro.

Expressão: Uma outra crítica sua é em relação ao produtivismo acadêmico. De que maneira os professores podem lidar com essa exigência num sistema que privilegia o produtivismo a qualquer custo?

Nildo: Não há outra saída: negar o produtivismo. Mas é preciso dizer algo sério: este sistema é produtivo somente no sentido que as pequenas moléculas de conhecimento que produzimos aqui são oferecidas gratuitamente para os países centrais quando um professor publica os resultados de sua pesquisa numa revista inglesa, francesa ou estadunidense que aqui, de maneira colonizada, é considerada “internacional”. Os professores neste caso são produtivos para as universidades da Europa e dos Estados Unidos. Também são considerados produtivos quando apenas reproduzem teorias emanadas dos países centrais (Raws, Habermas, Boaventura, etc). É uma servidão voluntária, pois aqueles acadêmicos jamais terão relação intelectual com o professor da periferia que aqui cumpre a triste função de um tabelião de ideias alheias. É um mero reproduzidor de um programa de pesquisa que não domina e do qual não participa senão marginalmente. Quando o acadêmico do país central entra em crise e muda o programa deixa vários órgãos na universidade da periferia. Enfim, a crítica ao produtivismo não pode ser descolada do colonialismo.

Expressão: Para onde a universidade deve nos levar nos próximos anos, se mantermos a atual estrutura?

Nildo: Para lugar algum. Ficará submetida ao maras-

cebidos, como a exigência pela produtividade e o eurocentrismo na academia. Ele é também presidente do Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA). Ouriques é doutor em Economia pela Universidade Nacional Autônoma do México (1995) e se candidatou ao cargo de reitor da UFSC em algumas eleições. Confira a entrevista concedida ao Expressão Universitária:

mo e a simulação acadêmica. Exibirá, se nossa crítica avançar, sua miséria intelectual e sua insignificância científica. Ficará reduzida a função de formar mão de obra barata para empresários nacionais e as multinacionais.

Expressão: Quais os principais desafios para superar o atual modelo de universidade brasileira?

Nildo: O primeiro deles é político, obviamente. Quantos reitores estão dispostos a enfrentar esta terrível situação? Poucos, pouquíssimos. O governo federal – qualquer governo – tampouco está disposto. Caso os estudantes se mobilizem teremos alguma chance. Enfim, necessitamos retomar o debate acerca da universidade necessária.

Expressão: Com todas essas críticas à academia, de que maneira você se vê nela?

Nildo: Eu trato de cumprir a promessa da universidade de casa do saber e da crítica. Mas não tenho direito a ilusões. Na esfera estritamente intelectual, exerço a crítica sem limitação de ordem alguma pois detesto a servidão voluntária. A respeito, sempre me pergunto por que a maioria se submete ao sistema se possui as mesmas garantias que eu tenho para exercer na plenitude a liberdade intelectual.

Expressão: Como pensar em alternativas? O que podemos vislumbrar em termos de mudanças do panorama atual da universidade brasileira? Que mudanças precisam ser feitas?

Nildo: Há muitas medidas a serem tomadas. A ruptura com este sistema colonial dominante na CAPES. Revisar profundamente as linhas de pesquisa que recebem financiamento da CAPES e do FINEP. Não dar mais recursos para aqueles grupos de pesquisa e tubarões que recebem milhões sem apresentar resultados, especialmente na área tecnológica. Mas nos defrontamos com a velha questão: você acredita que petistas ou tucanos querem isso? Não, não querem...

Expressão: Como andam suas linhas de pesquisa na Economia?

Nildo: Eu trabalho há anos com o tema da dependência e o subdesenvolvimento. É uma escola de pensamento sobre economia e política na América Latina. É uma tradição riquíssima, com novas contribuições e muita gente nova. Meu último livro (O colapso do figurino francês) é precisamente uma crítica, uma história das ideias na América Latina e uma crítica aos nossos intelectuais mais festejados, pois também eles ajoelham em grande medida diante dos encantos do eurocentrismo e, em consequência, desconhecem a notável contribuição do pensamento crítico latino-americano. Além disso, desenvolvo a crítica ao sistema universitário, ou seja, uma crítica à razão acadêmica. Vamos publicar agora o segundo volume da série.

Expressão: Como foi sua experiência como candidato a reitor da UFSC? Pretende retornar nas próximas eleições?

Nildo: Foi sempre um trabalho coletivo. Exibimos sempre os limites da universidade nas condições de um país dependente e subdesenvolvido. E sempre fomos derrotados pelo provincianismo e pela combinação da força da mercantilização e seu apoio estritamente academicista. Mas nunca me senti derrotado pessoalmente. Aliás, cada processo me deu mais convicção e força, entre outras razões porque os vencedores sempre fracassaram. No final da cada gestão, a imensa maioria estava exausta da administração que terminava e que tinha sido “vitoriosa”. A este respeito, uma vitória minha somente seria possível se existisse no país um movimento nacional de contestação da ordem dominante. Mas o sistema petucano mantém tudo sob controle. A universidade sob administração petista é um horror e sob administração tucana é um fracasso.

Expressão: Como é a universidade dos seus sonhos?

Nildo: Não sonho com universidade alguma. No entanto, minhas esperanças se nutrem na exata medida de meu combate e minha crítica à universidade existente.



PROFUNDA ABYA YALA

FOTOS: RICARDO CASARINI E TEXTO: ELAINE TAVARES

jornalista e mestre em Educação <casariniprofessor@gmail.com> e
jornalista e mestre em Comunicação Social <eteia8@gmail.com>

Caminhando por Chiapas, no México, ou no interior da Guatemala, nossa Abya Yala aparece em toda a sua cor. Na morenidade das gentes, no estampado das roupas, no artesanato, nos mercados ao ar livre. Longe das metrópoles, a vida vai devagar. A vida é simples, os problemas outros. E, tanto em Chiapas como na Guatemala, as dificuldades do dia-a-dia não tiram a alegria nem a esperança. Alguns se armam de fuzis, outros de sonhos. Uns ainda lambem feridas de ferozes ditaduras, outros preparam a aurora. Tudo isso forma um caldo de beleza, de maravilhas, que só quem caminha pelas estradas de terra, encontrando esses rostos pode sentir. Aqui, nesse ensaio um pouco de tudo isso, para sentir a vibração de nossa América morena.





30 ANOS DE MST EM SANTA CATARINA



FOTOS: PARTE DA MOSTRA "MST SC : 30 ANOS DE HISTÓRIA" A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA ESTARÁ DE 20 DE ABRIL A 5 DE MAIO NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SANTA CATARINA. FOTOGRAFIAS DE: ACERVO DO MST, JULIANA ADRIANO, ELIANE FISTAROL, MAGALI MOSER, ERNESTO PUHL E RÉVERO RIBEIRO CURADORIA: JULIANA ADRIANO, RÉVERO RIBEIRO E CAMILA MUNARINI. REALIZAÇÃO: MST/SC

Um olhar para o movimento dos trabalhadores rurais sem terra no estado desde a histórica ocupação da Fazenda Papuã, em Abelardo Luz, em 25 de maio de 1985, a primeira realizada pelo MST depois de sua criação formal

POR JULIANA ADRIANO

Socióloga, educadora e fotógrafa < jua.sociologia@gmail.com >

Naquele 25 de maio, num local até então pouco conhecido de Abelardo Luz/SC, quando a madrugada começava a ceder lugar à luz do dia, o cansaço tomava conta dos corpos dos que haviam viajado por horas dentro de caminhões, a fome se fazia presente. No entanto, tudo era superado pela expectativa de chegar a terra prometida. Dezenas e mais dezenas de pessoas iam chegando, e a visão daquele povo todo reunido aumentava a esperança. O medo era vencido pela união. Nem mesmo o fogo, que os capatazes colocaram na ponte, intimidou os Sem Terra que chegavam. Assim, em 1985, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra realizou sua primeira ocupação.

O MST, que teve sua criação oficializada em janeiro de 1984, porém, para muitos Sem Terra seu nascimento simbólico aconteceu com as primeiras ocupações realizadas pelo MST enquanto movimento social. Estas aconteceram no dia 25 de maio de 1985, simultaneamente nos municípios de Abelardo Luz e Campo Erê, localizados

em Santa Catarina. Em Campo Erê a ocupação durou poucos dias, as famílias foram despejadas pela polícia. Em Abelardo Luz, cerca de 1.500 famílias ocuparam uma pequena parte deste, onde hoje é localizado um dos 22 assentamentos do município: o Assentamento Papuã I.

A concentração de terra no Brasil tem aumentado, atualmente 1,6% das propriedades (com mais de 1000ha) ocupam 43,8% a área rural brasileira, e 85,2% das propriedades (de até 100ha) ocupam somente 20% da área. Tal concentração iniciou com a colonização portuguesa, que por meio das Sesmarias e das Capitânicas Hereditárias concedia o privilégio de acesso a terra aos que possuíam bens em Portugal. Se acentuou com a Lei de Terras, de 1850, onde a terra passa a ser considerada propriedade privada, a posse é proibida, e a concessão de uso se converte em título de propriedade. Em nosso século, nos relatou em entrevista Maria Isabel Grein:

"O Capital durante a ditadura militar expulsou muita gente das suas terras, muito com as leis que foi se criando também a favor da propriedade, foi fazendo com que mui-

tos agricultores que tinham família em cima da sua terra disseram: 'olha compadre, você é muito bom, até agora deu tudo certo, mas agora você tem que se retirar porque se você ficar aqui quem sabe amanhã nós vamos ter problemas'. E a família, como era muito humilde, saía, e não tinha pra onde ir. Então um tava num barraco de estrada, outra tava num paiol dum parente, então eram tudo famílias que realmente tavam numa situação de degradação, de empobrecimento muito grande. E que tinha que buscar uma saída, não tinha mais condições." (2014).

Muitos ainda olham ao MST com preconceito, pensam que tudo se resume aos barracos de lona preta e ao que prega a grande mídia. Ao olhar dos que estão de fora, o acampamento parece um lugar miserável, nem imaginam que na lembrança das pessoas que já viveram nos barracos de lona preta, se mistura o saudosismo de um tempo bom de viver, onde apesar das dificuldades imperava a solidariedade. Aos que moram no acampamento este é o lugar de lutar por um pedaço de chão, de exercer sua dignidade.

É preciso lembrar que em Santa Catarina já temos assentamentos da reforma agrária que tem quase 30 anos de idade. As casas já não são mais de lona preta, a terra já está nas mãos das famílias camponesas, que produzem e reproduzem suas vidas. Constroem seus lares do modo aconchegante possível. Os desafios são novos, já não basta a terra, é preciso moradia, escola, saúde, produzir e transportar esta produção... A luta continua, e o campo se torna mais vivo com os assentamentos. São inúmeras as cooperativas, a exemplo da Cooperoeste, que organiza a produção de leite e derivados, cuja marca principal é a Terra Viva; da CooperContestado, CooperDotchi, CooperUnião, Coopermoc, Coopertel, Coopervida que tem produção variada; da Cooptrasc, responsável pela assessoria técnica da produção agropecuária nas áreas de assentamento; da CCA-SC, que é a cooperativa responsável pela organização das cooperativas, moradias, representação das famílias assentadas. Na educação, temos escolas de ensino básico e fundamental nas áreas de assentamentos, diversas parcerias com universidades como a UFSC, UFFS, UDESC, Unochapecó, por meio das quais são ofertados cursos de graduação e pós-graduação para integrantes do MST.

Apesar das conquistas, os Sem Terra são muitos, acampados e assentados, com as mais diversas necessidades. Cientes de que esperar não adianta, se mobilizam e organizam sua luta para além do cotidiano. Procuram dar visibilidade às suas ações. Talvez muitos ainda não tenham se dado conta do que significa ter em seu país o maior movimento camponês que existe em nosso planeta. Tomemos por exemplo o VI Congresso Nacional do MST, realizado em fevereiro de 2014, para tentar visualizar do que esta-

mos falando: ônibus e mais ônibus iam chegando, a gente era colorida, os costumes distintos entre si, mas a unidade estava em sua camiseta vermelha, todos a comemorar o aniversário de 30 anos do Movimento. Quinze mil pessoas, nenhum chefe, nenhum trabalho mais importante, tudo é auto-organizado, da cozinha, ao banho, a festa, a segurança, a rádio, a plenária, a ciranda, as místicas, a marcha. As místicas e a marcha são os momentos mais esperados. Na mística se constrói no presente imagens que projetam o futuro desejado. Imaginem que vocês estão em gigante plenária, um ginásio em formato de arena, onde na plateia todos estão de bonés e camisetas vermelhas, no centro centenas de pessoas vestidas de preto encenam a destruição da amazônia e o assassinato impune de milhares dos seus. Em meio ao poema de luto e de luta, entram em cena belos vasos de arte marajoara, com até um metro de altura. A medida que a intensidade do poema aumenta, homens e mulheres vão levantando os vasos acima de suas cabeças, com o tom de voz mais alto que todo o fôlego e a indignação permitem, ecoa a frase: "Se calarmos, as pedras gritarão", no mesmo instante todos os vasos são jogados no chão. O silêncio toma conta das almas.

A luta do MST iniciou por terra, ampliou-se por condições para viver na terra. Atualmente é muito maior, visa a construção de uma Reforma Agrária Popular, que rejeita a lógica do monocultivo e da comida envenenada, propõe a agroecologia como matriz científica e tecnológica, assume a potencialidade do camponês de ser co-gestor da agrobiodiversidade, quer dizer, da vida.

Referências bibliográficas:

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. A política de reforma agrária no Brasil. In: Rede Social de Justiça e direitos Humanos. (Org.). Direitos Humanos no Brasil. 1a ed. São Paulo - SP: Rede Social de Justiça, 2009.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terra de quilombo, terras indígenas, "babaçuais livre", "castanhais do povo", faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. 2a ed, Manaus: PGSCA-UFAM, 2008, 192p.

“

A luta do MST iniciou por terra, ampliou-se por condições para viver na terra. Hoje é muito maior, visa a construção de uma Reforma Agrária Popular, que rejeita a lógica do monocultivo

FOTO: MAGALI MOSER





CURTAS

13ª RINHA

A 13ª edição da Rinha, gincana do Curso de Publicidade e Propaganda da Furb tem como temática deste ano as histórias de terror da TV, cinema e literatura. A gincana será realizada dia 30 de maio no Ginásio de Esportes e contará com 12 equipes formadas por acadêmicos, professores do curso e profissionais da área. As inscrições serão realizadas pelo Facebook nos dias 4 e 5 de maio. Além dos alunos de PP, poderão participar também os alunos do Curso de Jornalismo e demais universidades convidadas. O objetivo da organização é promover aos alunos a oportunidade de vivenciar a experiência de realizar um evento com todas as suas implicações como captação e administração de recursos, estratégias e materiais de divulgação, organização do espaço e execução do evento. O corpo de jurados é formado por profissionais da área convidados pela equipe organizadora e será responsável pelo julgamento das provas.

MORTE DO GARAPUVU

"Isto é o que restou do Garapuvu que embelezava a Beira-Rio. Passei por ali no feriado e a vontade foi de chorar junto com o tronco que ainda transpirava seiva (repare o tronco umedecido nas bordas) como se estivesse chorando. A árvore foi cortada no dia 12 de abril." O desabafo é do empresário Gregóri Morastoni, Idealizador do Projeto Árvore (+1.000). Manifestantes se reuniram em protesto contra o corte da árvore pela FAEMA e fizeram um velório simbólico dia 24 de abril, sexta-feira. O coletivo chamou a atenção para o ato da prefeitura lembrando que nenhuma vida substitui a outra. Em nota, a prefeitura informou que a árvore foi cortada por apresentar problemas de segurança aos pedestres. Segundo a nota, "foi a decisão mais segura para a população".



BRASILEIRANDO

A exibição da segunda temporada do projeto Brasileirando ocorreu na Fundação Cultural de Blumenau de 22 a 24 de abril. Com financiamento do Fundo Municipal de Apoio à Cultura, as imagens foram filmadas durante as viagens de 2012, 2013 e 2014. O projeto contempla um grupo de amantes do Brasil e de aventuras que viaja numa kombi pelo país em busca de outras culturas brasileiras. A ideia do grupo é expandir a segunda temporada para o oeste e litoral de Santa Catarina, ainda não se tem a data para o lançamento da terceira temporada. O público acompanhou exposições de fotos, apresentações de capoeira e música, segundo uma das integrantes do movimento. Rafaela Costa. A trilha sonora das duas temporadas é produzida pelos próprios integrantes do grupo.



FOTO: MOVIMENTO CISNE NEGRO

ATIVIDADES DE CONSCIENTIZAÇÃO DA SEMANA DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS MOVIMENTAM BLUMENAU ATÉ 13 DE MAIO

Com o objetivo de combater a intolerância religiosa na cidade, o Cisne Negro - Movimento de Consciência Negra em Blumenau - promove de 22 de abril a 13 de maio a 4ª edição da Semana das Religiões de Matrizes Africanas na cidade. A programação inclui ciclo de debates e sessões de cinema. A programação abriu com Pepe Sedrez fazendo uso da tribuna da Câmara de Vereadores de Blumenau em nome do movimento, em 23 de abril. Para o presidente do Movimento Cisne Negro, Lenilso Silva, essa semana representa uma afirmação contra a intolerância religiosa que a umbanda e o candomblé ainda estão submetidas. "É preciso que a sociedade e o estado entendam nossa existência e nossa prática ao bem e a paz. Somos o povo de axé!", pondera. Para ele, a cultura europeia aprofunda a perseguição contra os adeptos dessas religiões na cidade.

Entre os casos de intolerância religiosa registrados pelo movimento em Blumenau constam fechamentos de casas, perseguições que ligam a fé à práticas demoníacas e satânicas, além da falta de reconhecimento das religiões de matriz africana nos momentos ecumênicos por exemplo.

FEIRA DO LIVRO TRAZ ESCRITORES PARA REGIÃO

O maior evento cultural de Jaraguá do Sul movimentou o Centro Cultural da cidade/SCAR de 11 a 21 de junho. O ator e escritor Gregório Duvivier, a cantora Fernanda Takai e o ilustrador André Neves são algumas das atrações confirmadas. Serão milhares de livros e visitantes para a verdadeira festa da leitura, com exposições, debates, palestras, contações de histórias, lançamentos, autógrafos e livros para todos os gostos e bolsos.

O coordenador da feira, o escritor Carlos Henrique Schroeder, o intuito é trazer pessoas que são referência em diferentes plataformas culturais. O evento ocorrerá em dois teatros integrados com capacidade de 1,3 mil pessoas.

PROFESSOR APOSENTADO DA FURB FAZ CONFERÊNCIA NOS EUA

Professor aposentado da FURB, o escritor afroblumenauense José Endoença Martins participou em abril de uma série de conferências sobre sua produção literária. Ele palestrou para alunos e professores da Universidade Estadual de Nova York, nos Estados Unidos. O professor, mestre e doutor em Literatura já tem 20 obras publicadas. O convite partiu da professora brasileira Ines Shaw, que leciona há 20 anos na universidade e organizou um seminário chamado Leitura e Escrita Criativa, dias 27 e 28 de abril, quando será o principal palestrante. Um outro encontro é com brasileiros numa instituição voltada para as Artes. Em Nova York, o professor vai falar especialmente sobre as obras que envolvem a condição do afrobrasileiro. A intenção é discutir as questões sobre raça, preconceito, discriminação, autoafirmação do negro no Brasil e no mundo. O professor lembra que o meio acadêmico não está livre de racismo. Um exemplo é a pequena quantidade de negros na universidade.

FEIRA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA SERÁ DIAS 6 E 7 DE MAIO NA FURB

A próxima edição da Feira de Economia Solidária da FURB será nos dias 6 e 7 de maio, no pátio em frente à Biblioteca Central. As Feiras de Economia Solidária ocorrem desde 2011, sendo que desde 2012 são realizadas mensalmente, durante dois dias consecutivos, no horário das 9h às 20h40min, no Campus I. A organização é do Fórum de Economia Solidária de Blumenau (FESB) e Rede de Economia Solidária do Vale do Itajaí (RESVI) que reúne 15 grupos de Economia Solidária. Estes produzem de maneira coletiva e autogestionária, seguindo os princípios de sustentabilidade ambiental, econômica e política. Na feira são comercializados produtos dos segmentos de artesanato, alimentação e prestação de serviços. Na Feira também ocorrem as atividades de brechó, de trocas solidárias, oficinas criativas, shows e demais ações de formação em Economia Solidária.

SOBRE ÉTICA, PUBLICIDADE E DEPENDÊNCIA DOS JORNAIS

Mudanças no mercado editorial do mundo inteiro chamam a atenção para uma nova fase do Jornalismo. Um dos temores é de que o jornal impresso vai acabar. Quais as implicações desta nova fase e o que esperar dela?

POR GIOVANNI RAMOS

Jornalista, editor do Portal Controversas <contato@controversas.com>



Folha de São Paulo demite vários jornalistas. Estadão faz limpa na redação. Passaralho na Editora Abril. Notícias de demissões de jornalistas e redução de equipes de redação são cada vez mais frequentes nos dias de hoje. A crise nos jornais impressos não é apenas brasileira, mas anda apavorando os profissionais do setor com os estragos, principalmente no eixo Rio-São Paulo. Mas por que os jornais estão em crise? Por que ser jornalista não é uma boa opção? O mercado editorial conseguirá se recuperar?

Não, não conseguirá. Mesmo que a economia cresça no país, mesmo que os jornalistas tenham sindicatos fortes em todos os estados, aquelas redações gigantes dos jornalões não existirão mais. Por que? Porque a fonte de sustentação dos veículos é a publicidade. E a cada dia que passa, o mercado publicitário se interessa menos pelos jornais.

Com o dinheiro que uma empresa gastava para colocar um anúncio de uma página na Folha de São Paulo, por exemplo, o departamento de marketing investe em publicidade no Google, no Facebook e em outras ferramentas digitais, com um resultado bem melhor. Sim, o Google e o Facebook são adversários do jornalismo na hora de repartir a grana da publicidade, e muito mais atrativos. Para começar, porque atinge diretamente o público alvo. Em segundo, porque os jornais impressos possuem cada vez menos leitores. Alguém conhece um adolescente de 13 anos que se interessa por impresso? Pois esse será o consumidor alvo dos próximos anos...

A regra é essa: o jornal depende da publicidade para sobreviver e as empresas gastarão cada vez menos com publicidade em jornais. Sobreviverão os veículos locais, cuja a relação com a cidade onde atuam vai muito além da informação. Os jornalões continuarão, mas com equipes bem mais enxutas que as de hoje.

MAS POR QUE OS JORNAIS DEPENDEM DA PUBLICIDADE?

Por que os veículos erraram lá no começo. Partindo do princípio que a informação é um serviço que se compra, podemos concluir que as empresas de comunicação cobram um preço MUITO BAIXO PELO PRODUTO QUE DESENVOLVEM. A participação das assinaturas e vendas em banca no orçamento de uma empresa é irrisório. Em muitos casos, o jornal é distribuí-

do gratuitamente, ou seja, NÓS DEPRECIAMOS O PRODUTO JORNAL.

Acostumamos os leitores em décadas que a informação é algo “baratinho”, quase de graça. Com a internet, convencemos ele que é bobagem pagar pela informação. Tudo isso porque sobrevivíamos com a verba da publicidade, que agora não gosta tanto da gente como no passado.

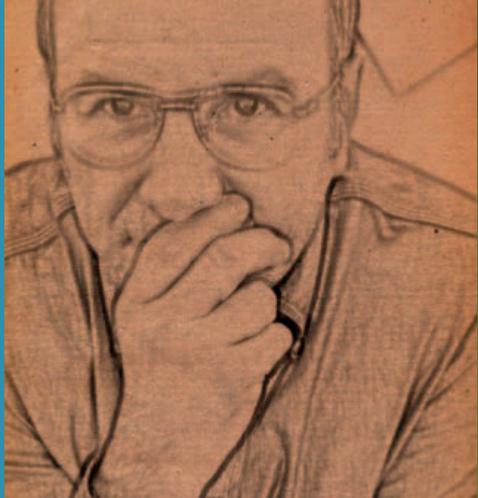
Alguns jornalões como a Folha estão tentando reverter essa situação. O paywall no site é uma tentativa de valorizar o produto jornalismo. O cidadão pagaria para ter um produto diferenciado, de qualidade. Os jornais tentam aprender com serviços online como Netflix e Spotify, exemplos bem sucedidos com número alto de assinantes por um produto que não é físico, mas possui qualidade. O problema é que acostumamos demais o público a não pagar (ou pagar pouco) pelas notícias.

ÉTICA, CREDIBILIDADE E DEPENDÊNCIA

A grande moeda do jornalismo é a credibilidade. Sem ela, é impossível fazer com que o cidadão vá pagar por uma notícia (seja por compra avulsa ou assinatura). E os jornais impressos vivem uma crise de credibilidade. Por que? Porque viveram da publicidade, seja ela empresarial ou estatal, venderam uma imparcialidade que não existe e na internet 3.0 são diariamente questionados.

Existe imparcialidade num jornal que depende da publicidade? Claro que não! Um veículo desses pode ser ético? Depende o que se entende por ética. Admitir que é sustentado por empresas ou estatais e que não irá bater de frente com seus anunciantes seria ético, mas jogaria o mito da imparcialidade no lixo. E os blogs e sites que surgiram nos últimos anos com posicionamento político claro? É ético um portal de notícias que vive de verbas de um governo fazer um jornalismo parcial para a legenda que o sustenta? Qual a diferença desses sites para os veículos tradicionais, sustentados por grandes empresas que têm seu lado na política?

O jornalismo precisará se reinventar nos próximos anos. Quem não fizer isso irá sumir do mapa. É possível ver dois caminhos: o independente, que buscará recursos juntos aos leitores, cobrando pelos seus serviços e o dependente, que viverá da publicidade ou de apoio de grupos aliados, mas que precisará ser honesto na sua parcialidade.



LADO B

COMO COMEMORAR O DIA DO TRABALHADOR NUMA UNIVERSIDADE?

Já faz tempo que não temos muito para comemorar no Dia do Trabalhador. Vivemos um clima de crescente insegurança e precarização. Por um lado, o desemprego aumenta (6,8% PNAD) e, por outro, pioram as condições de trabalho (Lei das Terceirizações – PL 4330). Ao mesmo tempo, o sindicalismo de negócios vem substituindo o sindicalismo de luta. Contudo, não devemos esquecer também a responsabilidade da universidade nesse processo. Mais precisamente, a atuação dos acadêmicos de esquerda

frente à questão da injustiça.

Um acadêmico de esquerda constitui uma pessoa que luta para proteger os fracos dos fortes na universidade. Isso inclui pessoas que se autoproclamam sindicalistas, comunistas, socialistas, anarquistas, feministas, ambientalistas, etc. Até a década de sessenta você somente podia ser considerado de esquerda se estivesse convicto que o capitalismo devia ser superado (Esquerda Transformadora). Mas a partir da década de sessenta o ativismo de esquerda passou a incluir também pessoas que acreditam que o capitalismo pode ser melhorado (Esquerda Reformadora).

O que diferencia a Esquerda Transformadora da Esquerda Reformadora é a forma de considerar a cultura. Para a Esquerda Reformadora a cultura deixou de ser vista como um empecilho para a política de mudança. A medida que universidade começou a ser frequentada pela classe média e pelos trabalhadores, a formação acadêmica deixou de ser atacada como fonte de autoridade burguesa. Isto significa que a universidade se converteu num instrumento de transformação social. Portanto, a questão é saber quem são os fracos e quem são os fortes hoje?

Para saber quem são os fracos e quem são os fortes podemos recorrer a relação entre

Problema-Solução. A relação Problema-Solução diz que uma forma de entender um problema sempre traz embutida sua solução. A estratégia cognitiva/normativa empregada para conhecer/julgar uma situação estabelece também a forma como essa situação pode ser interpretada/melhorada. Mais precisamente, formular uma questão é determinar a maneira de resolvê-la. Um exemplo de Problema-Solução pode ser extraído de como a Esquerda Reformadora trata a questão do trabalho.

Tomemos o exemplo da prostituição com base Problema-Solução. Consideremos três relações: 1) Para os Conservadores de Direita a prostituição não é um trabalho: são pessoas que não querem trabalhar e deve ser combatida; 2) Para a Esquerda Transformadora a prostituição é um trabalho degradante: são pessoas que não tiveram oportunidades e devemos criar condições trabalho; 3) Para a Esquerda Reformadora a prostituição é trabalho como qualquer outro: devemos criar leis de proteção e aprender a conviver com esse tipo de trabalho.

A atuação da Esquerda Reformadora combina Ideologia da Vitimização com Cultura da Dependência. Baseia-se numa triangulação política: 1) Vitimização: a conversão da prostituição numa forma de injustiça; 2) Culpabilização: mobilização para a denúncia dos responsáveis; 3) Institucionalização: criação de políticas de proteção da prostituição pelo Estado. Procura-se invalidar um quadro de percepção social e substituir por um quadro de referência cultural diferente. Por isso, a Esquerda Reformadora está tão preocupada com a criação de leis e apoio burocrático.

Para ilustrar os efeitos do ativismo da Esquerda Reformadora vamos considerar o caso dos homens baixos. Em média homens mais baixos ganham menos que homens mais altos. Homens mais baixos são julgados negativamente. São vistos como mais fracos e incapazes. Uma pesquisa publicada no Wall Street Journal revela que corretores que têm mais de 1,88 metro de altura ganham 12,5% que aqueles que ficam abaixo de 1,80 metro. Como resolvemos essa questão? Criamos o Movimento dos Baixinhos e reivindicamos uma política pública?

Isto significa que não existe racismo, o machismo ou homofobia? Claro que existem! E devem ser incansavelmente combatidos. Uma pessoa precisa de dignidade para poder entender a si mesma e respeitar os outros. E na universidade devemos fortalecer o compromisso de luta para construção de um mundo mais tolerante. Afinal as pessoas não devem ser segregadas pela cor da pele, pelo sexo ou pela forma como sentem prazer. Mas esse mundo pluralista e falibilista não pode reduzir as formas de luta as estratégias de intervenção estabelecida pela Esquerda Reformadora.

Mas, afinal, não custa perguntar: por-

que Gays e Crentes estão brigando? Gays e Crentes tem mais pontos em comum que divergentes. Mas os “jeans wyllys” e os “marcos felicianos” dizem que são diferentes pela forma como sentem prazer. É que eles se reproduzem com essa divisão. Contudo, a maior parte dos Gays e Crentes perdem com a redução das relações sociais ao corpo. Enquanto Gays e Crentes brigam pela forma de transar os ricos continuam extorquindo os pobres, subornando políticos e, assim, obtendo tudo que querem.

É que a luta pelo reconhecimento cultural (justiça cultural) enfraqueceu a redistribuição econômica (justiça social). Lutas pelo reconhecimento assumem com frequência o compromisso de chamar atenção para as especificidades do grupo (negros, mulheres, índios, gays, etc); já lutas redistributivas, ao contrário, frequentemente buscam abolir os arranjos econômicos que conduzem a especificidade de grupo (operário, patrão). Os dois tipos de lutas estão em tensão. A medida que as desigualdades culturais diminuíram as desigualdades materiais aumentaram.

Esta situação nos coloca diante de um paradoxo: a medida que reconhecemos a heterogeneidade cultural, reafirmamos a homogeneidade econômica. Temos individualização de um lado e standardização do outro. Nos tornamos mais independentes das tradições (grupos e destino de status, das disciplinas profissionais), mas, ao mesmo tempo, nos tornamos mais dependentes do mercado de trabalho. Então cabe perguntar: porque as identidades podem ser diferentes (gay, índios, negros, mulheres), mas a economia tem que ser igual (capitalista)?

Voltando a relação entre Problema-Solução na universidade os acadêmicos de esquerda trocaram Marx por Foucault; o enfoque do trabalho pelo enfoque do corpo; a abordagem econômica pela cultural; os pressupostos realistas pelos relativistas; o compromisso coletivo pelo individual; análise dos números pela do discurso; a crítica do egoísmo pelo sadismo; a luta contra riqueza pela do estigma; a condenação da ganância pela do preconceito; a estatização dos meios de produção pelas políticas de inclusão; ou se se preferir: a estrutura econômica-política pela cultural-normativa.

Na luta pela injustiça nós esquecemos dos trabalhadores na universidade. É que a luta pelos direitos das minorias obscureceu a defesa dos interesses da maioria. A politização da cultura teve como contrapartida a despolitização da economia. Isto significa que a defesa da política da diferença precisa ser articulada com uma crítica social. Precisamos defender um mundo plural, mas com uma base social comum. Uma forma possível de comemorar o Dia do Trabalhador na universidade seria combinar a política cultural da diferença com a política social da igualdade.

“

Na luta pela injustiça nós esquecemos dos trabalhadores na universidade. É que a luta pelos direitos das minorias obscureceu a defesa dos interesses da maioria. A politização da cultura teve como contrapartida a despolitização da economia. Isto significa que a defesa da política da diferença precisa ser articulada com uma crítica social. Precisamos defender um mundo plural, mas com uma base social